

## Editorial vol. 43 n. 3

O ano de 2024 termina com a intensificação, no Brasil, de um dos mais importantes debates desde a Revolução Industrial: a jornada de labuta do trabalhador e da trabalhadora brasileira. A atual deputada Erika Hilton (SP), líder do PsoI, conseguiu reunir 171 assinaturas, na Câmara dos Deputados, para apresentar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que institui a jornada de trabalho de até oito horas diárias e 36 horas semanais, com rotina de cinco dias de trabalho e dois dias de descanso. Atualmente, a jornada de trabalho oficial no Brasil, conhecida como escala 6x1, determina seis dias de trabalho para um de descanso. Além de a jornada atual, per si, formatar uma rotina de vida totalmente baseada no trabalho e com reduzido tempo de descanso, ela ainda desconsidera as duras rotinas que orbitam essa jornada, como o tempo gasto com transporte público, afazeres domésticos, cuidados com filhos pequenos e demais eventuais dependentes. Não é preciso muito esforço reflexivo para visualizarmos o quanto essa jornada explora trabalhadores e os obriga a levar uma vida completamente absorta em trabalho que os impede de desenvolver outras searas (talvez mais) importantes, como lazer, prática de atividades físicas, cursos de capacitação, tempo de qualidade com a família e, claro, o tempo necessário e orgânico que todo ser humano precisa para não fazer nada, se assim desejar.

Tal qual aconteceu ao longo da Revolução Industrial, esse debate está acalorado porque existe uma estrutura política, econômica e ideológica que está preocupadíssima com uma hipotética (e mítica) ideia de que se o trabalhador for menos explorado, haverá problemas na busca pela mais valia e na geração de capital. Tal qual aconteceu ao longo da Revolução Industrial, essa ideologia dominante está tão obcecada em manter as estruturas de poder que não consegue enxergar o óbvio: quanto melhores forem as rotinas e dinâmicas trabalhistas, melhor todos vão trabalhar e produzir. Além de terem mais tempo para adquirir parte dos bens que ajudam a erigir, ajudando assim o capital a circular. Tal qual aconteceu ao longo da Revolução Industrial, essa mesma estrutura mostra-se alienada em relação aos contextos contemporâneos, pois há uma grande quantidade de experiências em diferentes partes do mundo que comprovam como a redução na jornada de trabalho trouxe mais qualidade de vida e, sobretudo, otimizou e/ou aumentou a produção.

Considerando as complexas e tão divergentes estruturas trabalhistas que temos no Brasil, almejamos, além da aprovação da jornada 5x2, que esse debate seja cada vez mais adensado e que ganhe camadas. É urgente que atinja áreas igualmente importantes, como a qualidade dos ambientes de trabalho, as mudanças que precisam acontecer quando um ambiente tóxico é instituído, punições certas para casos de assédio no trabalho e, no nosso caso específico, que isso chegue também nos ambientes escolares e universitários. Precisamos refletir e desenvolver mais estratégias para garantir ambientes de trabalho saudáveis em todas as práticas docentes desempenhadas no Brasil. Precisamos pensar melhor nas infinitas atividades que todos nós desempenhamos para além da sala de aula, como a editoração de revistas, os inúmeros relatórios, as reuniões, a escrita de projetos, a produção científica e tantas outras atividades que permanecem invisibilizadas no senso comum – o que, mais uma vez, é conveniente para uma estrutura ideológica que quer impedir o desenvolvimento da Ciência. Da mesma forma, é crucial refletirmos sobre os inúmeros discentes que, além de estudarem, trabalham nas escolas e universidades, como os bolsistas de extensão, monitoria e iniciação científica, os voluntários que trabalham nas revistas

científicas, em laboratórios, em quadras esportivas, restaurantes universitários e tantos outros ambientes, e que são fundamentais para o andamento de tudo que realizamos. Precisamos pensar sobre os valores das bolsas, sobre as rotinas de trabalho e sobre o número de dias que todos nós trabalhamos, pois quanto melhores forem as nossas condições trabalhistas, melhor será para o mundo e, finalmente, para a Ciência.

Esta edição da Contracampo traz seis artigos de temática livre que fornecem variados elementos que nos ajudam a refletir sobre diferentes papéis da mídia. Os três primeiros trazem facetas históricas, sociais e políticas vinculadas ao jornalismo. Arthur Freire Simões Pires assina o artigo A URSS aos olhos de Camus: seu pensamento político em seus escritos jornalísticos (1944-1945); Wilson Couto Borges e José Carlos Mendes Moreira Xavier fazem uma análise do jornalismo impresso no artigo A pessoa e o exercício da cidadania plena: narrativas jornalísticas e a representação da deficiência na Folha de S. Paulo, enquanto Wania Caldas e Diógenes Lycarião assinam o texto Jair Bolsonaro e as Mulheres na Eleição Presidencial de 2022: uma análise da cobertura da imprensa sob a perspectiva do jornalismo cão de guarda. Os três últimos artigos trazem temáticas mais variadas sobre o campo midiático. Marcio Telles é autor de Desfazendo o Estilo Artístico na Era da Ilustração com Inteligência Artificial Generativa: um estudo de Jim Lee com Midjourney; Cíntia Langie escreve sobre Distribuição educativa e circuitos não-convencionais de exibição na Argentina e na Espanha; enquanto a dupla Luciane Pereira Viana e Dusan Schreiber refletem sobre O papel dos assistentes virtuais antropomórficos na mediação e experiência do cliente.

Esta edição da Contracampo também inaugura a entrada do pesquisador Wagner Dornelles na editoria executiva da revista. Que essa jornada seja célebre!

Desejamos, enfim, uma leitura orgânica e um excelente 2025.

Ariane Holzbach

## **EQUIPE EDITORIAL**

### **Editores-chefes**

Ariane Holzbach (UFF)  
Wagner Dornelles (UFF)

### **Editores-executivos**

Dionisio de Almeida Brazo (coordenador)  
Ana Clara Moreira e Vieira  
Joelton Barbosa  
Karoline Benicio Gonçalves  
Lucca Favoreto  
Maria do Socorro de Sousa Cruz  
Otávio Augusto Monteiro  
Vírnia Martins

### **Triagem**

Marcela Barba (coordenadora)  
Kennet Anderson da Cruz Medeiros  
Nathália Basil  
Rafael Luan da Silva

### **Revisão**

Letícia Sabbatini (coordenadora)  
Amanda Souza  
Ana Paula Oliveira  
Laís Rodrigues Cavalcante  
Maria Eduarda Pereira Pinto  
Melissa Campello  
Pedro Henrique Alves Silva  
Renata Benia

### **Tradução / Versão**

Manoela Mayrink (coordenadora)  
Helcio Neto  
Marco Bittencourt

### **Projeto gráfico / Diagramação**

Alekis Moreira (coordenador)  
Arianni Brito  
Daniela Mathias  
Marcela Rochetti Arcoverde  
Petronilio Ferreira  
Wesley Souza

### **Planejamento estratégico**

Angélica Fonseca (coordenadora)  
Daniela Mazur

### **Comunicação**

Jéssica Miranda (coordenadora)  
Giselly Horta  
Nataly Costa